



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



“MEMÓRIAS DA COLÔNIA”: HISTÓRIA ORAL E ENSINO DE HISTÓRIA

Malcon Gustavo Tonini¹

Resumo: No presente, muitas memórias são construídas para dar continuidade ao passado e essas representações seletivas têm origens por influências diversas. O objetivo deste artigo é discutir história oral a partir de memórias e a forma como as descrições e interpretações construídas no processo de rememoração podem ser influenciadas. Essa problematização será feita a partir de narrativas produzidas no ensino de história em projeto escolar que objetiva tornar lembranças em algo ativo e vivo, dando ênfase a uma discussão sobre o processo de rememoração. Essas fontes são um recorte do projeto “Memórias da Colônia”, analisadas pensando na relação com a história local, o ensino de história e como as narrativas foram construídas como texto e imagem. A relevância desse trabalho está na compreensão e no desenvolvimento de metodologia que proporciona a investigação histórica, valorizando o cotidiano dos alunos.

Palavras-chave: Ensino de História, História oral, memória.

INTRODUÇÃO

Narrativas históricas são contadas como se tivessem acontecido, “para organizar acontecimentos dispersos numa frequência que permita a inteligibilidade da história” (SILVA, 2018, p.71). Discursos precisam ser estudados antes que se tornem evidência factual ou recurso para o preenchimento de lacunas na História. A palavra permite análises diversas, reflexões sobre como a história oral a partir de memórias e a forma como as narrativas podem ser influenciadas. O ensino de História nos dá essa possibilidade, pois em sala de aula é que o jovem pode ponderar sobre a sua atuação como indivíduo e suas relações pessoais; compreender o papel da memória e dos vínculos que cada geração estabelece com outras gerações, e as raízes culturais e humanas que caracterizam a sociedade. O diálogo entre o ensino de História e a memória reforça laços entre pessoas, gerações, comunidades e tempos,

¹ Professor de História da Rede Estadual de Santa Catarina. Licenciado em História, especialista em Metodologia de Ensino de História pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI) e discente do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sob orientação da Profa. Dra. Cristiani Bereta da Silva. E-mail: malcongustavo@hotmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



e a prática da história oral pode ser transposta para o ambiente escolar de maneira promissora e instigante.

Sou professor de História da Escola de Educação Básica Professora Lídia Leal Gomes, a única escola do interior do município de São João Batista que atende ao Ensino Médio. São estudantes com idade entre 15 e 18 anos, todos participantes do projeto escolar que tem como objetivo principal a utilização de memórias como ferramentas de trabalho em sala de aula. Nesse projeto, estudantes e professores mobilizam o passado nas memórias da comunidade, considerando diversas concepções em tempos históricos diferentes.

Produzimos junto aos alunos e alunas um conjunto de fontes históricas, trabalho que denominamos *Memórias da Colônia*. Um projeto pedagógico interdisciplinar que envolve as disciplinas de História, Língua Portuguesa e Artes, que frutifica fontes narrativas dentro do contexto “bucólico”, relembrando os prazeres da vida rural contrastados ao medo da possibilidade de perda de tradições que fazem parte de um passado que ainda hoje está enraizado historicamente ao cotidiano da região do antigo Núcleo Colonial Nova Itália. O jornal *Correio Catarinense*² em uma série de mesmo nome publicou no segundo semestre de 2019, dezesseis das narrativas produzidas na escola nas formas textual e ilustrativa. Há a possibilidade de que algumas dessas memórias tenham sido inventadas em algum lugar do passado ou até mesmo introduzidas culturalmente por outros grupos de pessoas com origens geográficas diferentes. Se inventadas, assim o foram com o objetivo de dar continuidade de maneira artificial a um passado histórico:

Por “tradição inventada”: entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade com relação ao passado (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p. 9).

A proposta aqui é discutir, problematizar, interrogar, questionar, dentro do limite proposto pelo recorte estabelecido por narrativas construídas por alunos e pelas fontes disponíveis que possam ser relacionadas com a memória narrada. Um dos relatos é analisado e refletidos nesse artigo, o episódio: *A vida cobra*, produzida em forma textual e através de

² Jornal com circulação em cinco municípios do Vale do Rio Tijucas (Nova Trento, Canelinha, Major Gercino, São João Batista e Tijucas), o *Correio Catarinense* traz reportagens produzidas na região por uma rede de colaboradores.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



imagem, em uma série de memórias narradas pelos estudantes do Ensino Médio. Os relatos estão relacionados com tradições orais de Tigipió e com o convívio social na comunidade.

No trabalho e nas relações sociais existe uma dimensão ética subentendida em projetos de história oral. Como pesquisador, estou ciente da minha responsabilidade e dos direitos dos narradores; uma preocupação recorrente em pesquisas com seres humanos, mas que se radicaliza nos relatos dos entrevistados, pois não diz respeito somente a memórias, mas também a sentimentos. Existem vários aspectos que foram considerados, entre eles a forma como as histórias foram e podem ser usadas. A transparência no processo foi fundamental, incluindo a garantia aos jovens, do direito de retirar-se ou desistir de fornecer informações ao trabalho, de escolha ao anonimato³ e nas decisões do que e para que seriam utilizadas as suas memórias no produto final da pesquisa. Como pesquisador, não pude julgar de maneira alguma o que estava sendo descrito e nem forçar o narrador a explicar qualquer temática que fosse delicada ou sensível em seu entendimento.

Embora essa metodologia de investigação histórica envolva obviamente a oralidade, uma das formas que ela costuma adquirir é a de narrativas escritas. A transcrição dos relatos amplia acessibilidade, por isso a elaboração de uma versão escrita é importante, mesmo quando há o registro oral por qualquer meio de gravação. Nesse trabalho, os alunos narraram suas lembranças em textos literários e em ilustrações, cujas elaborações foram orientadas por mim quanto à utilização de procedimentos para lidar com a memória. Esse princípio de tratamento propicia a geração de fontes que podem ser utilizadas na escola não só no ensino de História, mas também em outras disciplinas curriculares. É uma forma de ampliar a variedade de suportes e de formas de acesso ao conhecimento disponível nessas fontes, sendo que a leitura é um meio para o acesso rápido e organizado do conhecimento contido nelas. A longevidade proporcionada pelas transcrições e imagens ilustradas também foi considerada. Essas representações foram obtidas através de uma operação ativa em que há a participação do pesquisador para que possa ser garantida a melhor representação possível da memória. Mesmo assim, sabemos que nesse processo perdeu-se muita coisa.

A pesquisa em questão tem compromisso social e histórico, tem responsabilidade inclusive na contestação de mitos históricos que privilegiam alguns sujeitos e ignoram outros muito importantes para se contar a história local. Estudantes pensam historicamente a região

³ Os alunos citados neste artigo optaram por seus nomes completos serem mencionados.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



onde vivem, assumindo seriamente a tarefa de envolver pessoas na exploração do significado de lembrar e no que fazer com as memórias para torná-las ativas e vivas, e não meros episódios que logo serão descartados e até mesmo esquecidos.

MEMÓRIAS DA COLÔNIA

Neste artigo, trabalho o reconhecimento da região que integra os limites territoriais que fizeram parte do Núcleo Colonial denominado Colônia Nova Itália, no município de São João Batista, em Santa Catarina. Um lugar de memória, onde resquícios históricos ainda se preservam. Ao dialogar com as memórias, busco recordações sobre o passado e as diversas possibilidades desencadeadas por testemunhos orais influenciados pelo presente, levando em consideração a forma como as narrativas construídas no processo de rememoração dos alunos foram influenciadas. O testemunho oral, objeto de discussão, possibilita à história oral esclarecer eventos ou processos que às vezes não têm como serem entendidos de outra forma:

Na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes (AMADO; FERREIRA, 2006, p. XV).

Memória é um conceito valioso para quem trabalha com história oral, pois é a base da narração. É muito rica em suas manifestações, por isso devemos levar em consideração que os alunos ao narrarem de forma literária suas memórias sobre a localidade da qual fazem parte, reavivaram marcas de suas vidas e de sua comunidade; reconstruíram uma atmosfera que remete a hábitos, valores e práticas cotidianas; reacenderam emoções; relembrou relações cotidianas; representaram e reativaram correntes de pensamento político e ideológico; reconstituíram a religiosidade e o companheirismo.

Ativar a memória é um desafio para o ser humano, pois a memória, além de incomensurável, é mutante e plena de significados de vida, que algumas vezes se confirmam e usualmente se renovam:

O lembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (Bobbio, 1997 apud DELGADO, 2003, p.16).

Ao analisar as fontes, frutos do trabalho, é notório o relacionamento da memória com seus múltiplos significados, como na releitura de vestígios, de comportamentos e de valores; nos conhecimentos que foram adquiridos; na evocação do passado através de reminiscências e lembranças e no estabelecimento de nexos entre o presente e as experiências vividas. Os próprios acontecimentos na escola e na vida em comunidade são estímulos para o afloramento das lembranças. Para Lucilia de Almeida Neves Delgado (2003, p.19), “a memória em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual.”. Nas memórias dos alunos, histórias contadas através de gerações de narradores, e de inúmeras formas, constroem um tempo que antecedeu a vida dessas pessoas, e que se constituem como fontes para a produção do conhecimento histórico.

A região investigada, hoje parte do município de São João Batista, integra os limites territoriais que na primeira metade do século XIX, fizeram parte do Núcleo Colonial denominado Colônia Nova Itália, fundado em agosto do ano de 1835. Há diversos aspectos para se discutir, principalmente a relação entre a memória coletiva e o que pode ser tratado como acontecimento histórico. Memórias são a base deste estudo e pesquisa, pois a narrativa é baseada em tradições orais, pelo que é transmitido, como mitos que só existem pela ação permanente daqueles que os repetem e muitas vezes os transformam.

Os acontecimentos relativos à fundação da Colônia são o ponto de partida para uma análise baseada nas memórias dos estudantes, alunos da Escola de Educação Básica Profa. Lídia Leal Gomes, do Distrito Municipal de Tigipió, região que fez parte da antiga Colônia Nova Itália. A historiografia da região, fonte de estudo sobre tradições, nos diz que esse passado de alguma forma pode ter sido diluído pelo tempo, estando para muitas pessoas, imperceptível, pois por muito tempo, os fatos relativos à colonização da região não foram objeto de interesse dos memorialistas do município de São João Batista. Ao longo dos anos, os 132 imigrantes que chegaram à região em 17 de março de 1836, colonos provindos do Reino da Sardenha⁴, sofreram com uma grande inundação em março de 1838 e com a

⁴ Estado que existiu na Europa de 1297 a 1861, quando seus limites passam a integrar o Estado Italiano.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



animosidade dos nativos da terra. As memórias relativas às narrativas dos estudantes nos fazem indagar sobre possibilidades.

O episódio “A vida cobra” de autoria do estudante Breno Puel permite uma vasta reflexão. Podemos indagar sobre o fato de que famílias caucasianas possam ter ocupado a região anteriormente à colonização, legalmente ou não, e sobre a possibilidade de que negócios relacionados à posse de terra tenham sido realizados sem a autorização do Governo Imperial do Brasil, detentor das terras demarcadas quando da instalação do antigo Núcleo Colonial.

As relações entre os colonos e os empreendedores fundadores da Colônia, o genovês Carlos Demaria e o francês Henrique Ambauer Schutel também foram conturbadas, o que deixava iminente o desastre certo para a Colônia, o que veio acontecer no ano de 1854. Apesar da colonização “italiana” na região, há muita diversidade étnica, social, econômica e política, que faz parte do presente, mas também do passado. A história do município é marcada por uma construção cultural de diversidades, os primeiros imigrantes a chegarem às terras que hoje pertencem à cidade acompanhavam o Capitão de Milícias João de Amorim Pereira, de família com origem portuguesa, que além de seus familiares trouxe para a margem esquerda do rio Tijucas, escravos de etnia africana em 1834. A freguesia de São João Batista foi criada na Província de Santa Catarina em 19 de abril de 1838, portanto em suas terras já habitavam diferentes culturas historicamente constituídas.

Em memórias literárias o passado é recriado textualmente. No entanto, não se trata do passado tal como foi, mas daquele que ficou na memória ou ainda que foi selecionado pelo narrador para tornar-se escritura. O objetivo é tirar o maior proveito das memórias para fins de pesquisa histórica, analisando a natureza da narrativa e o processo da rememoração, além do conteúdo das memórias. A narrativa dos estudantes conta mais sobre o significado dos acontecimentos e menos sobre os acontecimentos, pois a subjetividade envolvida na elaboração da trama amplia e alcança outras questões.

Em “A vida cobra”, Breno narrou o que pode ter acontecido na primeira metade do século XIX, no ano de 1837, um assunto delicado e polêmico, sem se preocupar com dilemas éticos ou políticos:

A VIDA COBRA: Mais uma rotineira manhã de terça-feira, na Colônia. A nona já esperava a todos com o café pronto. Logo em seguida, vem à tona o assunto do dia: Haviam matado todos os residentes da casa da família



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Zunino. Haviam sido mortos bruscamente na noite anterior. Por aqueles dias, rondava pela região o Bugreiro e seus capatazes. Eram uma espécie de cangaceiros da região. Por onde passavam, pairava uma onda de medo e terror. A notícia da morte dos Zunino havia se espalhado e todos estavam atribuindo o fato ao Bugreiro. A família Vargas, que sempre fora rival da família Zunino, por querer suas terras, logo após o ocorrido, apossou-se das mesmas. Diante do ocorrido, Bugreiro, ao ouvir os boatos que atribuíam a ele a morte dos Zunino, resolveu ir atrás do verdadeiro assassino e desvendar de uma vez por todas aquele crime, pois jamais aceitaria que seu nome fosse incriminado em vão. Certa tarde, foram até a antiga casa dos Zunino, que os Vargas haviam tomado posse, para esclarecer o que havia, de fato, acontecido. Bugreiro, com voz firme, falou: - Cadê o dono dessa joça? Logo seu Vargas apareceu, tremendo de medo do Bugreiro, que logo perguntou sobre a morte dos Zunino. Após algumas ameaças, seu Vargas confessou o crime: havia matado a família Zunino para ficar com suas terras. Bugreiro, diante dessa confissão, propôs-lhe duas opções: Partir com sua família daquele lugar ou morrerem todos ali mesmo. Diante daquelas condições, os Vargas partiram dali para sempre (Breno, 18 anos, aluno do 3º ano do Ensino Médio, 01/11/2019).

Breno, ao narrar expõe duas famílias tradicionais da região aonde vive, não se importando com cautela ou sensibilidade. O que parece, é que prevalece o objetivo da proposta apresentada pelo projeto, o que nos faz indagar sobre o processo de rememoração do aluno. Foi dado prioridade ao valor do que estava sendo lembrado, sem pensar no todo das consequências de uma pesquisa histórica.

Podemos fazer alguns apontamentos, pois as relações do narrador com aquilo que conta provocam indagações. Breno narra com certa familiaridade a história, se sentindo atraído, pois reconhece na ação, as estruturas temporais que conformam a narrativa. Produziu conhecimento devido a uma ligação significativa com a história enquanto elaborou e aplicou a sua reflexão:

Os conceitos e significados da memória são vários, pois a memória não se reduz ao ato de recordar. Revelam os fundamentos da existência, fazendo com que a experiência existencial, através da narrativa, integre-se ao cotidiano fornecendo-lhe significado e evitando, dessa forma, que a humanidade perca raízes, lastros e identidades (TODOROV, 1999, p. 26-27).

Acontecimentos da vida em comunidade são sinais exteriores, e estimulam o afloramento de lembranças e reminiscências. “Seres humanos, em sua existência são enredados em histórias que ocorreram antes da história ser contada” (SILVA, 2018, p.79). A tradição ao se narrar o conflito acontecido provavelmente durante o assentamento dos imigrantes durante a colonização da região é algo corriqueiro nas rodas de conversas sobre o



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



assunto na localidade. A família Vargas⁵, citada por Breno, teria se instalado nas imediações alguns anos antes em terras que na teoria teriam sido “compradas” de um proprietário de origem portuguesa, de uma Sesmaria⁶ doada em 1801 pela metrópole portuguesa. Esta família ainda é numerosa, no hoje bairro Colônia Nova Itália, e tradicionalmente sempre foi associada à região do município de São João Batista:

OS LOTES DE TERRAS DOS COLONOS NA COLÔNIA NOVA ITÁLIA (1845) “Tenho a honra de participar a Vossa Excia que recebi o vosso offício de 10 de setembro e a cópia da Lei Geral de 11 de julho de 1837 para dar o devido cumprimento [...]. Sobre a informação de uns colonos pertencentes à Colônia Nova Itália (cita nas margens deste Rio das Tijucas), estabelecidos em terras de Antônio Vargas, tenho a honra de explicar a Vossa Excia que se diz serem as terras do dito Vargas por este ter ali comprado uma porção delas de Anastácio Pereira Luiz, isto a dois anos pouco mais ou menos. Sendo verdade que nelas estão morando os colonos Domingos Peixe e Felipe Polero com suas famílias e outros que estavam residindo na margem norte do Rio e agora estão na margem Sul do Rio Tijucas. Eles se retiraram da Colônia Nova Itália na margem norte depois do ataque do gentio bugre que ali saía do sertão. As terras que Antônio Vargas comprou de Anastácio, este os tinha comprado dos herdeiros de Antônio da Cunha d’Ávila, eram parte da Sesmaria que D’Ávila tinha ganhado em 1801 do Governo. E como nesta época a Colônia não estava ali ainda e não está ainda demarcada a área, ignoro se estas terras que o referido Vargas diz serem suas se estão dentro ou fora dos limites da Colônia. [...] Freguesia de São João Baptista do Alto Tijucas Grande, setembro de 1845. José Francisco Vargas - Juiz de Paz (FELER, 2015, p.42-43)⁷.

Sobre essas informações, podemos tirar algumas conclusões, a primeira é a de que a família Vargas já ocupava terras na região aonde foram demarcadas as terras pertencentes ao Núcleo Colonial, a segunda é de que essas terras não poderiam ser compradas, já que eventualmente fariam parte de uma Sesmaria que estava impedida de ser alugada, arrendada ou vendida. Segundo o Padre Flávio Feler (2015) essas terras eram parte de uma Sesmaria que

⁵ O sobrenome Vargas é de origem portuguesa e espanhola. Não se sabe ao certo em qual lugar surgiu primeiro, uma vez que, por se tratar de um sobrenome toponímico, acaba abrindo a possibilidade de surgimento em vários lugares. Em documentos portugueses de 1535 foi registrado certo Jeronymo de Vargas, alentejano. Mesmo assim, os Vargas procedem oficialmente de Tristão Fernandes Vargas, que serviu Tanger em tempo de el-rei D.Manuel.

⁶ Sesmaria era um lote de terras distribuído a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com o objetivo de cultivar terras virgens. Originada como medida administrativa nos períodos finais da Idade Média em Portugal, a concessão de sesmarias foi largamente utilizada no período colonial brasileiro. Iniciada com a constituição das capitâneas hereditárias em 1534, a concessão de sesmarias foi abolida apenas quando houve o processo de independência, em 1822.

⁷ Transcrição de livros de correspondências dos Juizes de Paz aos Presidentes da Província de Santa Catarina, resguardados no arquivo Público de Santa Catarina.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



teria pertencido por doação em 1801 ao senhor Antônio Cunha D'Ávila, mas nunca foi medida ou demarcada e teriam entrado na Sesmaria, vários posseiros. Antônio Vargas seria um desses posseiros, pois a compra das terras em questão seria ilegal.

A regularização efetiva da situação fundiária somente ocorreria durante o Governo Imperial do Brasil, através da Lei de Terras⁸ de 1850. Portanto, a família Vargas citada na narrativa, ou seja, Antônio Vargas e seus agregados estavam em litígio com imigrantes da Sardenha, os colonos Domingos Peixe e Felipe Polero com suas famílias e outros, e provavelmente enfurecidos pela decisão do Juiz de Paz em não atender seus apelos com relação às terras em questão. Apesar de a decisão jurídica ter sido proferida em 1845, a reclamação de Antônio Vargas para com as autoridades da época foi ainda em 1837. Os imigrantes chegaram à região em 1836, e ainda estavam em processo de assentamento e colonização.

Outra informação relevante e que pode estar relacionada às memórias do aluno Breno, é a de que em meados de 1837 foram mortos os imigrantes sardos Giovanni Rilla, Giovanni Benotti e Luigi Ratto, além de Bernardo Gambelli, juntamente com sua esposa e filho. Outro ataque na Colônia Nova Itália se repetiu em 19 de janeiro de 1839, onde foram mortos⁹ três homens e cinco mulheres, imigrantes, sendo esse crime investigado imediatamente pelas autoridades locais. Os dois ataques e assassinatos foram atribuídos aos indígenas, mas somente no segundo caso é que se associam provas materiais além das testemunhais sobre os culpados:

COLÔNIA NOVA ITÁLIA, em virtude do ofício de Vossa Excia datado de 22 de janeiro que recebi a 23 do mesmo mês, juntei os Guardas policiais, 02 sargentos, 02 cabos e 15 Guardas Nacionais e com eles segui no dia 23 e cheguei no dia 25 ao lugar da Colônia Italiana, onde os gentios bugres mataram barbaramente oito pessoas daqueles colonos. Parti com o destacamento e com mais gente que voluntariamente se me apresentaram animados a dar conta e me meti pelo matão seguindo aqueles colonos e os bugres que ainda vagavam naqueles mattos e tendo sentido o rumor da nossa gente abalaram-se em fugitiva pela matta largando dous meninos que levaram vivos e que feriram, maltrataram e julgavam-se mortos assim como quase tudo que haviam saqueado das casas dos miseros colonos. Foi aprisionado 01 arco e duas flechas, tudo conduzido pela nossa gente e entregue aos colonos. Não foi possível apurar os violentíssimos esforços que fizemos. [...] Fomos até um lugar denominado 'Coisa Ruim' ali passaram no

⁸ A chamada Lei 601 ou Lei de Terras, de 1850, apresentou novos critérios com relação aos direitos e deveres dos proprietários de terra.

⁹ Nomes de vítimas estão omitidos nos documentos utilizados por esta pesquisa como fontes para investigação.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE

UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Rio Tijucas e rumaram para o Sul, naquela trilha parecem ser somente oito e o que me foi depois confirmado pelos meninos que escaparam[...]. São Bugres, sendo 06 homens e 02 mulheres. Esta partida indica motivos foi destacada [...] deles àquele posto [...] segundo informações, aqueles bugres estão alojados nos sertões entre os Rios Biguaçu e Tijucas Grandes, e tem sido vistos fogos na costa de uma serra onde não há habitação alguma de gente nossa. A vista, pois, do expedido, compete-me informar Vossa Excia em primeiro lugar. [...] Vila de São Miguel, 02 de fevereiro de 1839. Alexandre José Varela – Juiz de Paz (FELER, 2015, p. 69-70)¹⁰.

As mortes em 1837 ficaram com ares de suspeição e em tons misteriosos nas memórias das pessoas, e devido ao litígio entre Antônio Vargas e os “italianos”, foram atribuídas aos Vargas, o que fica suspenso é se essa interpretação ou análise de datas e fatos tenha sido feita no presente ou se já é uma atribuição do passado. Os indígenas por muito tempo foram culpados por toda e qualquer morte ocasionada por ataques, e culpados ou não, pagaram com a própria vida na maioria das vezes, e tudo aos “olhos” da lei:

A primeira Constituição, de 1824, ignorou completamente a existência das sociedades indígenas, prevalecendo uma concepção da sociedade brasileira como sendo homogênea. Consequentemente, não reconheceu a diversidade étnica e cultural do país e estabeleceu como sendo de competência das Assembleias das Províncias a tarefa de promover a catequese e de agrupar os índios em estabelecimentos coloniais, o que acarretou impactos significativos sobre as terras ocupadas (FUNAI, 2019).

O que prevalecia sobre tomar uma decisão entre preservar os indígenas ou eliminá-los fisicamente era de acordo com definições sobre sua selvageria e resistência aos projetos políticos de incorporação social e econômica. Para os ocupantes de áreas economicamente inseridas no mercado, a presença indígena significava um obstáculo a ser eliminado em nome do progresso e da expansão econômica e da civilização. O aluno Breno não leva em consideração ao interpretar em seu processo de rememoração a presença indígena enquanto narra os acontecimentos, mas se atém a uma figura histórica muito marcante na região do antigo Núcleo de Colonização, o “bugreiro”. Segundo Cristiani Bereta da Silva (2018, p. 80), “em algumas circunstâncias, utilizar [...] personagens conhecidos, é uma forma de situar as experiências vividas”. O tratamento dado pelo aluno ao “bugreiro” ameniza alguns aspectos ligados à marginalização do personagem, Breno o coloca como alguém que segue regras, que possa ser apesar de matador, alguém eticamente correto, que assume seus atos e que se

¹⁰ Transcrição de livros de correspondências dos Juizes de Paz aos Presidentes da Província de Santa Catarina, resguardados no arquivo Público de Santa Catarina.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



incomoda quando lhe são atribuídos fatos inverídicos. De certa maneira, a forma como é colocado o personagem na narrativa desafia aos que têm um discurso pronto de marginalização sobre ele. É uma forma de contestação de dilemas políticos enraizados na sociedade local.

Ao analisar a historiografia sobre o local, notam-se pontos de vistas sobre essa relação dos nativos da região com a sociedade, e a maneira como são descritos pelos autores. Walter F. Piazza (1950, p.18) ao narrar sobre as populações indígenas trata-os respeitosamente como desbravadores primitivos, os legítimos donos da terra. Denomina-os descendentes diretos dos “Carijó”, mas também os associa a uma denominação de origem francesa dada aos indígenas considerados não cristãos pelos europeus, chamando-os de “bugres”. O autor reconhece que os “bugres” eram aguerridos devido à presença do europeu que tomava as terras e destruía as suas fontes de subsistência. Necessitavam lutar uma luta desigual para poder sobreviver. A consciência sobre estes sujeitos nesse relato de Piazza, mostra que ainda na primeira metade do século XX, já se desafiava mesmo que modestamente memórias consagradas com aval público, desafiando a opressão política sobre essas populações, que lhes custaram o extermínio nas terras da região problematizada.

A história oral tem o poder de recriar vidas esquecidas e contribuir para que as pessoas reconheçam outros sujeitos como significantes historicamente e muitas das narrativas emergiram do ensino de História. Nos escritos, os alunos reuniram fragmentos de imagens, vestígios de lembranças e teceram emaranhados de memória. As imagens são como densos mapas afetivos, que fizeram emergir emoções diversas e construíram uma teia. Se lembramos é porque os outros, a situação presente, nos fez lembrar. As fontes produzidas no ensino de História se projetaram como filamentos condutores de signos e, desse modo, mobilizaram narrções sobre si. A imagem do “bugreiro”, rememorada por Breno foi provocada por outras memórias muito presentes nas tradições orais na comunidade. O aluno lembrou, refez, reconstruiu, repensou, com ideias de hoje, as experiências do passado, como nos relatos sobre Martinho Marcelino de Jesus, o Martinho Bugreiro. Esse “bugreiro”, historicamente, não poderia estar relacionado aos fatos narrados, e que analisamos, pois a contratação de “bugreiros” para o extermínio dos indígenas só foi motivada e patrocinada, muitas vezes, pelo Governo Imperial do Brasil após 1872.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Segundo o que relata Darci de Brito Maurici (2008, p. 19), “Martinho Bugreiro começou a matar índios com 18 anos, muito requisitado na região devido a sua atribuída astúcia, formou bando com Fernando Henrique Loos e Manoel Pulla, ambos da região”. Martinho era contratado por colonos ou pelo governo e matava os indígenas geralmente à noite. Seu grupo, um pequeno pelotão atuou na região serrana e em vales onde se instalavam os colonizadores europeus, incluindo a região do Vale do Rio Tijucas, onde se localiza o município de São João Batista. De acordo com o Padre Flávio Feler (2015, p. 82), “Martinho tinha ódio dos índios, pois esses haviam matado sua mulher e dois filhos”. A tradição oral, muito presente nas narrativas sobre a região problematizada, indica que Martinho Bugreiro representou para a comunidade ao longo de anos, a única “segurança” que tinham contra os temidos indígenas.

Ainda sobre os assassinatos de imigrantes em 1837, a família Zunino, citada por Breno como vítima dos Vargas, não poderia ter relação com o episódio, mas como é uma família muito numerosa e popular na região, serviu como referência aos descendentes colonizadores sardos. Giuseppe Zunino, esposa e família com sete pessoas fazem parte do grupo de 132 imigrantes que chegaram à região em 17 de março de 1836, colonos provindos do Reino da Sardenha.

Figura 1 – Episódio: “A vida cobra” de Memórias da Colônia

Memórias da Colônia

A vida cobra

Breno Puel

EPISÓDIO X

Mais uma rotina de manhã de terça-feira, na Colônia. A nona já esperava a todos com o café pronto. Logo em seguida, vem à tona o assunto do dia: Haviam matado todos os residentes da casa de uma família de imigrantes. Haviam sido mortos brutalmente na noite anterior.

Por aqueles dias, rondava pela região o Bugreiro e seus capatazes. Eram uma espécie de cangaceiros da região. Por onde passavam, pairava uma onda de medo e terror.

A notícia da morte dos imigrantes havia se espalhado e todos estavam atribuindo o fato ao Bugreiro.

Outra família, que sempre fora rival da família de imigrantes, por quererem essas terras, logo após o ocorrido, apossou-se das mesmas.

Diante do ocorrido, Bugreiro, ao ouvir os boatos que atribuíam a ele a morte dos imigrantes, resolveu ir atrás do verdadeiro assassino e desvendar de uma vez por todas aquele crime, pois jamais aceitaria que seu nome fosse incriminado em vão.

Certa tarde foi até a antiga casa dos imigrantes, que a outra família havia tomado posse, para esclarecer o que havia, de fato, acontecido. Bugreiro, com voz firme, falou:

- Cadê o dono dessa joça?

Logo o patriarca desta família apareceu, tremendo de medo do Bugreiro, que logo perguntou sobre a morte dos imigrantes. Após algumas ameaças, o patriarca confessou o crime: havia matado a família de imigrantes para fiar com suas terras.

Bugreiro, diante dessa confissão, propôs-lhe duas opções: partir com sua família daquele lugar ou morrerem todos ali mesmo. Diante daquelas condições, esta família partiu da Colônia para sempre.

Ilustração: Guilherme Garai

Aluno Breno Puel e a secretária escolar Sônia Mara Brambila

Fonte: *Correio Catarinense*. São João Batista. 1 de novembro de 2019. p. 5.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Na série *Memórias da Colônia* do jornal *Correio Catarinense*, as memórias do aluno Breno sofreram intervenção editorial devido a dilemas éticos e políticos, preservando a essência da narrativa, mas ocultando o nome das famílias mencionadas na trama rememorada. Breno mesmo inconscientemente ao narrar teve um único objetivo, não deixar que o passado caísse no esquecimento, retransmitindo algo que recebeu informado por seus antepassados. A tradição oral, calcada na repetição, trata um patrimônio coletivo comum, que não existe sem a ação permanente daqueles que o repetem e também o transformam. Uma prática narrativa contribui para a continuidade de um grupo social e o ajuda a formar uma visão de mundo. O patrimônio que um grupo detém é uma parte importante de sua identidade.

Muitas histórias de vida tomaram parte na trama das narrativas produzidas no projeto pelos alunos, construídas com o uso imaginativo a partir de referências internas e externas. São rememorações de algo que lhes aconteceu ou que leram, ouviram ou assistiram e que forneceram subsídios para narração, inclusive emergidas durante as minhas explicações enquanto professor ou sendo construídas auxiliadas por elas. “Os seres humanos teriam uma identidade narrativa, em que relato e vida reconciliam-se” (SILVA, 2018, p. 79). Ainda segundo Cristiani Bereta da Silva (2018) os seres humanos narram por outros meios não textuais, o que pode ser observado nas ilustrações produzidas pelos alunos que participam do projeto. As narrativas em questão se transformaram em instrumentos importantes para a preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições, traduzindo em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. Os leitores das “Memórias da Colônia” conhecem um gênero específico de discurso sobre a cultura da localidade onde a experiência foi a principal fonte para o conhecimento. Os textos escolares possibilitam uma viagem no tempo, agora eternizada para que lembranças e lastros de pertencimento e sociabilidade não desapareçam e retenham o passado, e por consequência, para que sejam suporte para a análise de outras memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em história oral, mais especificamente nas “Memórias da Colônia”, recorda o passado. A memória segundo a visão tradicional alojaria fatos exatamente como aconteceram, mas lembrar não é uma tarefa tão simples quanto parece. A memória é dinâmica



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



e complexa, quando relembramos elementos são filtrados e reelaborados de acordo com circunstâncias do presente, como por exemplos, o nosso estado emocional, a presença de sensações, a interação com outras pessoas e os lugares. As “Memórias da Colônia” são lembranças sobre fatos vividos ou transmitidos por tradições, nunca serão o próprio fato. Um mesmo narrador pode elaborar relatos diferentes a respeito de um determinado acontecimento, de acordo com o momento e as circunstâncias da rememoração no presente. Segundo Michael Frish (2006), nossas imagens do passado são conservadas e transmitidas através do tempo não só por meio da experiência vernacular, mas também como construções culturais administradas e midiaticizadas.

As memórias dos alunos não são individuais, são compartilhadas em grupos sociais onde vivem, portanto, memórias coletivas, pois são compostas de fatos lembrados em comunhão com um determinado grupo e sobrevivem justamente porque as pessoas as mantêm vivas. Essas memórias ao mesmo tempo são individuais, porque as formas como foram narradas são únicas e ao mesmo tempo coletivas, porque remetem a várias experiências sociais e abastecem lembranças de histórias que de alguma forma através de pesquisas pudemos abordar neste artigo. São algumas das muitas histórias particulares que acabaram convergindo nas palavras dos estudantes. E a maneira como foram narradas, tem grande influência das vivências dos alunos em seu meio social.

Esta pesquisa forneceu algumas ideias de como as narrativas em história oral trazem a reflexão sobre como interpretar histórias e identificar-se com elas, configurando e reconfigurando modos de existir no mundo e de compreendê-lo. A forma como os alunos significam a História e as ideias que lhe são adjacentes nos embasa para pensar sobre o ensino de História como campo de ação e intervenção na contribuição no desenvolvimento do pensar historicamente. Usar história oral como recurso pedagógico, distinguindo o saber do ficcional, fundamenta cientificamente o trabalho do professor. É dar voz aos estudantes, abrir espaço para contribuições e conclusões, desenvolvendo uma perspectiva crítica sobre o que é abordado. O trabalho do historiador neste contexto é o de analisar e refletir sobre como as pessoas constroem narrativas e sobre seus desdobramentos, mas também e menos importante o de interessar-se pelo que jovens sabem e sobre como e onde acessam essas informações para poder ressignificar o passado, pois ele nunca é permanente e imutável. A pesquisa escolar aliada ao ensino em diálogo exercita o senso crítico e contribui para que a História escolar



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



abra caminhos para compreensão dos sentidos da experiência humana, ainda pouco conhecidos por nós.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta De Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, nº 6, p.9-25, 2003.

FELER, Flávio. **O centenário de São Sebastião do bairro da Índia, 1915 – 2015**. Florianópolis: Sagrada Família, 2015.

FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula; THOMSON, Alistar. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta. (Coords). **Usos e abusos de História oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.65-91.

FUNAI. **Política indigenista**. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoas/politica-indigenista>> Acesso em: 06 nov.2019.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs): tradução Celina Cardim Cavalcanti. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MAURICI, Darci de Brito. **São João Baptista do Alto Tijucas Grande: 1834 – Do Arraial do Capitão Amorim à capital catarinense do calçado**. Blumenau: Odorizzi, 2008.

PIAZZA, Walter F. **Nova Trento**. Florianópolis: Editora Ex-libris, 1950.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVA, Cristiani Bereta da. História Oral e identidade narrativa: algumas questões para a pesquisa histórica. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel; ÁVILA, Edna Ribeiro de; BOROWSKI, Leonardo Braga. **História Oral: democracia, direitos e diversidade**. Porto Alegre: ISCMPA, 2018, p.71-88.

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999.